

que nossa cultura apresenta sinais de infantilidade, que o equilíbrio entre razão e sentimento foi para o inferno. Todos sabem, mas ninguém deseja perceber a verdade. Somente na metamorfose é que a vida ainda se faz suportável. Munido da insensibilidade do melancólico, eu contemplava o meu entorno, a sociedade, o mundo. A despeito dos quarenta e cinco anos passados desde o final da guerra, não sinto nenhuma necessidade de chegar até o presente, e mesmo hoje, com a morte diante dos olhos, sou incapaz de acelerar meu pensamento, que, ao contrário, sempre esteve voltado para a desaceleração. Mesmo o medo de me extinguir, que às vezes tenho presente em mim, não me atinge de fato, como se me pressionasse para uma decisão: ele está presente em mim sob a forma de uma idéia, mas não me amedronta profundamente. Hoje, ao pensar na morte, veio-me à mente o trabalho que uma morte traz consigo, todo o pavoroso cansaço com a burocracia, a desocupação da casa, a correspondência. Nada além disso. De fato, obstinada e exteriormente, recusei-me com sucesso a ter acesso ao mundo, ao seu presente, seu agora, entregando-me de preferência e metodicamente ao esquecimento. E isso em todos os aspectos.

No entanto, agora sinto em mim uma palpitação que desejo interpretar. Ouço, espreiro o inchado nada que

demanda um nome. De repente, o desperdício de tempo, o enfado suportado com alegria, faz-se-me difícil. De súbito, quero que o tempo se abra feito um livro que eu possa ler de maneira ordenada, a fim de tornar realidade as quimeras e fantasmagorias. Mas a esperança é pequena. Nada acontece além da espreita, da decadência que pinga, da postura tola. Somente quando adormeço, lutando com meu travesseiro contra os nativos, é que alguma realidade penetra furtivamente o meu mundo, e, após o despertar, ao qual ela me força, tenho de confrontar a dor. Mas até isso passa, é suportável.

Hoje, soprado através da janela aberta, o pólen se esparrama por toda parte, por móveis e livros, uma poeira fina e amarela. Involuntariamente, passei o dedo indicador pelo tampo embaciado da mesa, traçando ali uma linha que formou duas palavras: Leo Himmelfarb. Sim, ele está de volta, até mesmo em minhas mãos. Até isso teria sido suportável, se não fosse acrescido da força aniquiladora da percepção de que tenho de vê-lo ainda uma vez. Você não pode fazer-se pó sem tê-lo visto e tocado de novo. E, diante dele, você tem de pronunciar-lhe outra vez o nome, que, em sua ausência, desliza com tanta facilidade por teus lábios. A sólida casca da insensibilidade começa a se partir. Tenho, ainda uma vez, de me acautelar.